

O COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA, DE ROCHA POMBO: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA

Lilia Inés Zanotti de MEDRANO*
Luciana de Oliveira VALETON**
Lidiane Mariana da Silva GOMES**

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado como parte do Projeto de pesquisa: *O ensino de História da América: desafios e perspectivas para a escola brasileira*. A atenção que dedicamos ao compêndio *História da América Latina* de autoria de José Francisco da Rocha Pombo justifica-se, em parte, pelo fato de ter sido editado em 1900, com uma segunda edição, em 1925, e por ter obtido o primeiro prêmio em um concurso promovido, especialmente, para um livro didático de História da América destinado a formação de professores.

O fato de ter sido vencedor desse concurso chamou nossa atenção e levou-nos a estudar, mais profundamente, o seu conteúdo, as

(*) Professora e pesquisadora de História da América na Faculdade de História, Centro de Ciências Humanas (CCH), PUC-Campinas e Coordenadora do Projeto de Pesquisa: *O ensino de História da América: desafios e perspectiva para a escola brasileira*.

(**) São, ambas, Licenciadas em História (2002) pela Faculdade de História, Centro de Ciências Humanas (CCH) da PUC-Campinas e bolsistas FAPIC/PUC-Campinas participando do Projeto de Pesquisa: *O ensino de História da América: desafios e perspectivas para a escola brasileira*, sob a orientação da Profa. Dra. Lilia Inés Zanotti de Medrano.

fontes que o inspiraram e o contexto político e educacional em que se realizou sua publicação. Por outro lado procuramos conhecer um pouco mais sobre a vida e obra do seu autor, o historiador José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), hoje pouco lembrado, porém, muito conhecido das gerações passadas.

Obras que foram utilizadas como manuais de ensino nas escolas do país são um importante documento e podem oferecer elementos para a compreensão da ideologia e dos princípios norteadores da educação em diferentes épocas. Este é o nosso objetivo neste artigo. Por este motivo, o livro de Rocha Pombo, deve ser entendido não apenas como um manual destinado a dar suporte aos programas de ensino deste campo do conhecimento histórico, mas dentro de um contexto mais amplo, que nos remete ao momento em que o regime republicano era instalado no país e à política educacional desse momento.

Do ponto de vista da história nacional, o livro foi escrito no momento em que a formação do Estado-nação e a da memória nacional ocupavam os estadistas brasileiros, e a preocupação por uma integração nacional estava inspirada, principalmente, na definição da relação/Estado e sociedade. Via-se nesse momento, um caráter “redentor” na educação¹ e uma missão na condução do processo de educar o povo e moldá-lo de acordo com os princípios das nossas elites, reservado aos homens “cultos”.

Em meio a uma transição política, na qual a abolição do trabalho escravo não tinha derivado em uma integração dos ex-escravos à sociedade de classes, a República foi vista apenas como uma nova forma de Estado sem ter contribuído, no que tange à educação, a uma mudança substancial, implementando uma política pública de educação. Esta, apenas se restringia à reformulação das carreiras liberais, às quais já tinham acesso as elites do país, e aos currículos escolares do primeiro e segundo graus.

José Francisco de Rocha Pombo, que na época do concurso tinha quarenta anos, nasceu em Morretes, no Paraná, a 4 de dezembro de 1857. Filho de Manuel Francisco Pombo e de Angélica Rocha, foi jornalista, professor, poeta e historiador. Como jornalista fundou e dirigiu *O Povo*,

⁽¹⁾ BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil**. A Nação em busca dos seus portadores sociais, Campinas, Ed. UNICAMP, 2002, p. 157.

periódico em cujas páginas fez a campanha abolicionista e republicana. A 16 de março de 1933 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga que deixara Alberto de Faria, mas não chegou a tomar posse falecendo no Rio de Janeiro no dia 26 de julho de 1933.

Em 1897 mudou-se de sua cidade natal para o Rio de Janeiro, e continuou a exercer as profissões de jornalista e de professor. Ingressou por concurso na congregação do Colégio Pedro II e lecionou, também, na Escola Normal. Em 1900, foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro².

Dos livros de Rocha Pombo, devem ser mencionados *Nossa Pátria*, com mais de quarenta edições, o *Compêndio de História da América*, a *História do Rio Grande do Norte*, a *História do Paraná*, um *Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa*, e os livros *A religião do belo*, *No hospício*, *Visões*, *Dadá* além de vários outros, abrangendo os gêneros mais diversos.

A primeira edição do *Compêndio de História da América* foi publicada em 1900, pela antiga casa Laemmert, como resultado do concurso promovido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro e a segunda edição foi publicada em 1925 por Benjamin de Aguilã Editor, para a qual o autor fez uma revisão e, alterou apenas a numeração dos capítulos.

⁽²⁾ Em seus 76 anos de vida, Rocha Pombo, conseguiu um vasto currículo em sua vida política e acadêmica. Como vimos, o homem José Francisco da Rocha Pombo, nasce no Brasil em 1857 meio a acontecimentos marcantes na história do país. A pouco menos de 7 anos, o Império, através da Lei Eusébio de Queirós, extingue o tráfico negreiro, uma epidemia de febre amarela assola a população, ocorre a Guerra do Paraguai. Isto para lembrar-nos que o governo de D. Pedro II vivia um momento de instabilidade política, tendo que constantemente afirmar sua autoridade. Assim, em meio de toda esta agitação, Rocha Pombo tornou-se um membro de uma elite letrada que participaria de todo o processo republicano. Seguindo seus passos nas letras, logo na política tornou-se deputado provincial em 1886, lecionou no colégio Pedro II no Rio de Janeiro, em 1897, que ainda se encontrava sob direção direta do monarca, ingressando ao quadro docente através de concurso e em 1900, Rocha Pombo foi admitido como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1933 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras cargo que não pode assumir, como já dizemos, devido a sua debilitada saúde falecendo no mesmo ano, dia 26 de julho, mas que mostra sua vinculação a um grupo intelectual.

Considerada de mérito e utilidade como livro didático para os estudos sobre a História da América, a obra deixa aflorar um grande desejo do autor de sentimento de união entre os povos, de conhecer e de estudar em conjunto a história de nosso continente e, principalmente, da chamada América Latina.

É importante destacar que Rocha Pombo partilhava as idéias anarquistas e teve participação ativa na criação da Universidade Popular de Ensino Livre, junto a um grupo de intelectuais, entre eles, Manuel Bomfim, Elysio de Carvalho, Evaristo de Moraes, Fábio Luz, Felisbello Freire, José Veríssimo, Pedro de Couto, entre outros³. Desta forma, Rocha Pombo incorporava o pacifismo e se opunha às idéias divulgadas pela historiografia francesa, na época representada por Lavissee e Signobos, relativas ao ideal de civilização ocidental.

Justamente em oposição a esta concepção de história é que Rocha Pombo elabora seu compêndio. Efetivamente, Rocha Pombo, como também Bomfim e Olavo Bilac opõem-se abertamente ao ideal de civilização europeu, cujo racismo justificava um ideal de dominação. Estas idéias eram defendidas, no Brasil, por um grupo relativamente pequeno de intelectuais ao qual, como mencionamos acima, pertencia Rocha Pombo, todos eles opositores ferrenhos o imperialismo norte-americano.⁴

Trata-se, portanto, de uma obra que tem como autor um intelectual engajado num ideal humanitário, na medida em que defendia um maior conhecimento e valorização da cultura dos povos latino-americanos desde suas mais profundas raízes históricas. Todavia, em sua obra, como veremos, Rocha Pombo é contraditório.

De qualquer forma, este compêndio tem o mérito de ter sido a primeira obra didática escrita e editada no Brasil⁵ por um autor brasileiro

⁽³⁾ BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil.*, op. cit., p. 67.

⁽⁴⁾ *Ibid.*, p. 67.

⁽⁵⁾ A bibliografia existente na época era traduzida do francês, como por exemplo, a obra de ESTEVANEZ, Nicolau. *Resumo de História da América*, tradução para o português de Costa Ferreira, Rio de Janeiro, Garnier (s/d). A obra estava dividida em três partes: América Primitiva, História Colonial e Independência Americana. A primeira parte referia-se às raças americanas e aos Astecas e Incas e as duas últimas partes faziam menção à história de cada país no processo de conquista e colonização e, mais tarde, na organização nacional.

e dedicada à América Latina; da história do Brasil, é também parte integrante do continente. Isto vem mostrar também, a vontade de Rocha Pombo em ver um continente multi-cultural que faz a sua própria riqueza e oferece a possibilidade de uma convivência pacífica.

Do ponto de vista da política educacional da época, o livro de Rocha Pombo nasce num contexto em que intelectuais e educadores viam a passagem do regime monárquico para a República como um momento de ruptura, não apenas político, mas também onde a educação tal como era pensada pelos republicanos teria um papel transformador, marcando o início de uma nova era. Neste sentido, lembramos as palavras de Ilíada Pires da Silva quem afirma que:

“A idéia de descontinuidade estabelece uma dissociação entre Império e República e se manifesta, de um lado, pela hiper-valorização da escola republicana e, de outro, pela desqualificação da instrução e, de modo geral, de tudo que diga respeito ao regime que antecede”.⁶

E, ao se referir a São Paulo continua:

“A constituição do campo educacional paulista se inscreve no interior do projeto republicano, no qual a escola emerge como instrumento de progresso social e espaço de tratamento moral. A instrução elementar aparece como a ferramenta capaz de colocar o Brasil em sintonia com o progresso das sociedades civilizadas”.⁷

A referência à instrução popular como um dos elementos chave do novo regime para libertar o povo da ignorância que o governo monárquico o tinha submetido, levanta outra questão estratégica para o governo paulista porque, na medida em que submete o regime monárquico à crítica e ao sistema educacional do passado como ultrapassado, coloca ênfase na importância da reforma educacional como uma forma de difundir a educação entre as camadas populares para superar a pobreza e o atraso do país. Essa questão encerrava ainda outra, a construção da identidade

⁶ SIL V A, I. P. da. Educadores paulistas: regeneração social, república e nação. In: Encontros com a História. FERREIRA, C. A., LUCCA, T. de e IOKOI, Z. (orgs.), São Paulo, Editora UNESP, 1999, p. 125.

⁷ lid., p. 126.

nacional (e também paulista), que devia estar pautada pela prática educativa e de ensino, dando à educação um papel fundamental nesse propósito.

O *Compêndio de História da América* foi prefaciado por Manuel Bomfim, por isso, é importante fazer uma referência a este conhecido pensador e educador e sua relação intelectual com a obra de Rocha Pombo. Alguns dados biográficos podem ajudar a mostrar essa afinidade de pensamento entre os dois, no campo ideológico e educacional e justificar o prefácio de Manuel Bomfim ao livro de Rocha Pombo.

Manuel Bomfim, nascido em Sergipe, chegou ao Rio de Janeiro em 1888, proveniente da Bahia onde estudava, para completar seus estudos de medicina, profissão que exerceu por breve tempo. Bomfim, logo passou a frequentar o círculo boêmio do Rio de Janeiro junto com um grande amigo seu, Olavo Bilac, com o qual tinha afinidades ideológicas, particularmente no que respeita “à função transformadora da educação”. Após ter abandonado o exercício da profissão de médico, Manuel Bomfim foi Diretor da Escola Normal (atual Instituto de Educação), participou na Secretaria de Instrução Pública do Distrito Federal e exerceu o cargo de Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal de 1898 a 1900. Fundou os periódicos *Revista Pedagógica* e *Educação e Ensino* e durante o exercício destas atividades preocupou-se por aumentar o número de vagas nas escolas públicas, além de criar escolas profissionais e técnicas.

Os quinze anos no exercício da docência e como Diretor do periódico *Pedagogium* (1897 a 1905) deram a Bomfim elementos concretos para a elaboração de uma vasta obra dedicada à questão educacional no Brasil. Em 1907, quando foi eleito deputado por Sergipe pôde completar sua obra defendendo a necessidade de uma política pública na esfera da educação para o país, bem como a criação de escolas normais para a formação de professores. Também, participou da criação da Universidade Popular de Ensino Livre vinculada ao Partido Operário Independente junto a Elysio de Carvalho, Evaristo de Moraes, Fábio Luz, Felisbela Freire, José Veríssimo, Pedro de Couto, Rocha Pombo, entre outros⁸.

Dentre a numerosa obra de Manuel Bomfim destacamos *A América Latina: males de origem* (1905), onde expõe mais uma vez sua preocupação com a ignorância e o analfabetismo como barreiras que

(8) BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil.**, op. cit., p. 67.

impedem o progresso de uma nação. Na introdução escreve: “Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América”⁹.

Neste livro, que foi escrito em Paris, o autor assim se refere:

*“Aqui, onde, forasteiro escrevo, disponho apenas de notas, reunidas durante nove anos - senão, talvez fosse outra a forma que tivera este trabalho; não variariam, porém, as idéias. Estas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num parecer, prefácio à excelente História da América, livro didático do Sr. Rocha Pombo (grifo nosso), parece que deriva justamente dessa preocupação, já antiga”*¹⁰.

Mais tarde, em 1929, escreveu junto com Olavo Bilac *O Brasil e a América*, onde ambos retomam a parceria intelectual e, como antes, preocupados com a construção de uma nação sob o signo da educação. Neste ambiente intelectual Rocha Pombo conviveu e escreveu suas obras.

O *Compêndio de História da América* deve ser compreendido dentro deste contexto: o momento em que a educação era vista como motor da civilização e do progresso. Além do assinalado, devemos entender a obra didática de Rocha Pombo como um desejo do governo republicano de se inserir no continente americano mostrando que sua modernidade está no regime republicano e este, consciente do atraso do Brasil, em nome da obra civilizadora que lhe cabe realizar, não pôde ficar alheio aos povos deste continente destacando que é nas raízes multi-culturais do continente americano, onde o Brasil encontrará, também sua identidade. Educação e escola são, assim, os únicos meios de atingir a modernidade do povo brasileiro.

⁽⁹⁾ BOMFIM, Manuel. América Latina: males de origem. H. Garnier Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, (Prefácio 1903), p. IX.

⁽¹⁰⁾ Efetivamente, comenta Bomfim na Introdução do seu livro *A América Latina: males de origem* (p. X), que em 1897, quando o Diretor Geral de Instrução fez o anúncio para um concurso de um *Compêndio de História da América*, ele (Bomfim) solicitou-lhe, como membro do Conselho Superior de Instrução Pública, sua participação para avaliar as obras que se apresentassem, uma vez que era grande seu interesse pelo tema. Foi assim, que o **Compêndio de História da América** de Rocha Pombo, ganhador do concurso e “único a apresentar-se”, foi prefaciado pelo amigo Manuel Bomfim com quem partilhava também um ideal de educação (grifos nossos).

A OBRA

Rocha Pombo divide a obra em três fases: a primeira como uma fase dolorosa, onde ele trabalha a conquista do continente; a segunda como uma fase de aprendizagem, a da colônia; e a terceira como uma fase heróica, a da independência.

O autor reflete sobre a diferença da civilização da Europa com a da América aborígine, demonstrando que com o descobrimento houve uma interrupção no processo da marcha histórica das “raças” que já existiam no continente no momento da conquista pelos espanhóis. É preciso destacar, segundo Rocha Pombo, que o México e o Peru conseguiram um desenvolvimento maior que outros povos destas terras, tornando-se dois grandes impérios, principalmente, pela sua organização política e militar, enquanto que, os outros povos americanos ficaram com o simples papel de modificadores da civilização aqui transplantada.

Analisa a individualização profunda e acentuada da civilização americana que se deve ao modo como os europeus se estabeleceram aqui e à rivalidade entre os dois mundos que foi inevitável. O tempo, ao invés de suavizar, aprofundou cada vez mais os problemas. Criou-se assim, uma situação inusitada para os povos do novo mundo colocando em conflito seus interesses, seus direitos e até a própria soberania das nações americanas em tempos mais recentes. Neste sentido, o autor escreve:

“...o que a História nos aconselha é que ao mesmo tempo em que abrimos os braços fraternalmente para receber todos os povos do mundo cultivemos e desenvolvamos, com espírito de pátria, a grande idéia americana, ou seja, o estímulo que dirige todo um conjunto de povos, irmãos pela solidariedade no destino, para a ampla vida nova que recebe da história e que o passado fez de grande e, funda no amor e na justiça, no dever e no direito, que constituem a plenitude da existência moral e o desenvolvimento desse grandioso patrimônio”¹¹.

O autor faz esta colocação na introdução da obra, para mostrar a importância da aliança de todos os povos do continente e firmar cada vez

⁽¹¹⁾ POMBO, Rocha. **Compêndio de História da América**, Rio de Janeiro, Benjamin de Águila, Editor, 2ª ed., 1925, p. XIII.

mais a consciência de uma missão conciliadora, trabalhando-a nas escolas, nos clubes, nas associações, nas festas cívicas, na imprensa, na tribuna, no livro, mostrando a beleza da grande América, do que é bom e desconhecido e, que não reflete a grandiosa figura que ela tem de representar no cenário do mundo.

O autor encoraja a lutar pela história de nossa América, com um verdadeiro sentimento de união, de civismo, de amor à liberdade na construção de uma pátria grande. Incita começar esta tarefa pelas escolas, onde “a alma da juventude poderá propagar pelos quatro ventos a importância da nossa América unida, sem ressaltar a superioridade ou a inferioridade, como qualidade ou defeito”. Por isso, ao referir-se às virtudes de um livro didático, Rocha Pombo escreve que:

*“Um compendio didático deve evitar os dois defeitos, pois a primeira qualidade de tal trabalho é a de por, ante os olhos de quem estuda, os fatos em suas linhas gerais, de modo que com a variedade deles não faça esquecer nunca o leitor a grande síntese em que os fatos coincidem, ligam-se, e como que se completam e se anima”*¹².

O autor reconhece que as grandes individualidades são sempre a síntese da sua época, na esfera em que se manifestam: gerando em torno delas a vida coletiva. E que, muitas vezes, ao destacar um desses tipos podemos ter caracterizado a vida de toda uma geração ou determinado num momento, toda a história de um povo. Neste sentido, a idéia que guiará o autor nesta obra é o culto dos grandes homens com que o Novo Mundo, nascente ainda, já se podia se apresentar, altivo, às velhas nações do Ocidente Antigo.

O *Compêndio de História da América* está dividido em quatro partes e oitenta e três capítulos. A primeira parte tem como título o *Período pré-colombiano*, constando de onze capítulos, nos quais o autor faz a descrição física da América, destacando o clima, o relevo e a divisão da América em duas penínsulas:

“Abrangendo, portanto, todas as latitudes do globo, a América pela variedade de seus climas, parece destinada a fazer-se a estação definitiva das raças humanas fortemente

⁽¹²⁾ POMBO, Rocha, **Compêndio...**, op. cit., p. XVI.

acentuadas no seu temperamento e capazes de fazer-se depositárias do patrimônio espiritual indestrutível que será a base da unidade da civilização no planeta”¹³.

Trata a flora americana, mostrando os diferentes tipos de vegetação, a abundância de plantas medicinais encontrada na América e descreve as diferentes espécies da fauna americana. Sua narrativa abrange um conjunto considerável de temáticas sobre a cultura, a religião, a sociedade, a política, a organização, os conflitos entre as etnias, porém, estas facetas só dizem respeito aos índios que viviam no território onde os espanhóis aportaram, ou seja, o que chamamos hoje de América Central e uma boa parte do território da América do Sul.

Os capítulos desta primeira parte referem-se ao estado de “civilização” dos indígenas americanos mostrando o alto nível de desenvolvimento em que os povos indígenas do México e Peru se encontravam. Esse desenvolvimento é atestado através das ruínas das grandes cidades, das obras de arte, da ciência, dos monumentos e até mesmo pelos restos dos templos encontrados, principalmente no solo mexicano. Segundo Rocha Pombo, no Peru, não havia obras tão notáveis como no México, cujas pirâmides se assemelham às do Egito, Java, Bornéu e Sumatra. Estas observações estão baseadas na obra do barão Alexandre von Humbolt sobre sua experiência adquirida em viagens pelas regiões:

“A comunicação freqüente entre os dois mundos manifesta-se de maneira indiscutível nas cosmogonias, nos monumentos, nos hieróglifos, nas instituições dos povos da América e da Ásia”¹⁴.

⁽¹³⁾ Ibid., p. 2.

⁽¹⁴⁾ Efetivamente, o Barão Alexandre von Humbolt (1769-1859), célebre viajante e representante notável da cultura científica alemã, explorou extensas regiões da América e da Ásia e publicou, entre outros importantes trabalhos, *Cosmos*, síntese dos conhecimentos da época das ciências naturais e *Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*, em 30 volumes. Entre 1799 e 1804 explorou e estudou as regiões setentrionais da América do Sul, México e Cuba. Foi naturalista, geógrafo e historiador, e seus volumosos escritos sobre essas regiões continuam, ainda hoje, autorizados e indispensáveis. No início de 1800, ele e o naturalista francês Aimé-Jacques Bonpland (1773-1858) passaram quatro meses nas desoladas regiões do rio Orinoco e dos Ihanos da Venezuela, onde, Humbolt observou os hábitos dos índios “caribes”, a tribo nômade que Colombo tinha encontrado três séculos antes nas ilhas que receberam seu nome: ilhas Caraíbas.

No último capítulo da primeira parte arrisca alguns prognósticos sobre o destino provável da civilização indígena interrompida e destaca a esperança de que a obra de Colombo marcasse uma grande era na história do mundo, oferecendo para a sociedade do Ocidente uma força renovadora.

A segunda parte - *Período Colonial* - é composta por trinta e três capítulos que tratam das tradições e conjecturas sobre a existência do mundo, no século XV na Europa e sobre a chegada dos espanhóis à terra sonhada - o Novo Mundo - e às viagens de Colombo, os “descobrimientos” nas Antilhas e na América Central, até que abandonado e curtindo amarguras, faleceu em 1506.

No *Reconhecimento e conquista do Novo Mundo*, o autor analisa o processo de reconhecimento do continente e destaca as notícias que se espalhavam na Europa relatando que os espanhóis extraíam riquezas fabulosas do México e do Peru e que na América os colonos só cuidavam de fazer riquezas rápidas, explorando as minas, em cujo trabalho empregavam os índios de forma desumana.

A incorporação das raças indígenas ao novo ritmo da sociedade americana ocorreu também com a entrada dos missionários cristãos, melhorando assim, segundo o autor, um pouco a sorte dos índios. Porém, o regime que os padres estabeleciam, transformava-os em fanáticos e servís, de modo que a incorporação do indígena na sociedade da América ressentiu-se também, dos males da conquista e do regime colonial.

Por outro lado, o tráfico dos negros e a incorporação da raça africana ao trabalho a este continente começou quando os índios foram escasseando. Por isso, a partir desse momento, a “raça negra” é incorporada na sociedade americana, exercendo influência cultural entre os diversos povos que constituíam o continente.

Observamos que as contradições estão presentes em toda sua obra e, neste sentido destacamos suas palavras a respeito:

*“Este elemento étnico, já de si inferior, entrava, portanto, na sociedade americana pela porta da escravidão”*¹⁵.

Nos capítulos dedicados ao *Estabelecimento da administração na América*, faz referência às colônias de Portugal, da

(15) POMBO, J. F. Rocha. **Compêndio...**, op. cit., p 108.

Espanha, às francesas e inglesas. Em sua referência a Portugal chama a atenção para a organização administrativa, a chegada dos jesuítas, às tentativas dos franceses de se estabelecerem na Bahia de Guanabara e a dos holandeses que se aventuram no Norte.

A organização administrativa do governo espanhol criou na América quatro vice-realezas, sendo estas subordinadas a mais cinco capitanias. As autoridades do governo espanhol, principalmente os vice-reis cometiam grandes abusos, ocasionando ódio entre os indígenas e conseqüentemente, revoltas constantes. Mesmo assim, em meados do século XVII, a cidade do México já era uma importante cidade capital do Vice-reino¹⁶. No Peru, esses abusos foram em aumento durante os governos de alguns vice-reis, principalmente Francisco de Toledo, que renovou contra os descendentes dos Incas as barbaridades da conquista. Nos fins do século XVIII uma revolução indígena ameaçou o domínio espanhol no Peru, sendo a muito custo aplacada.

No Chile, os *araucanos* lutavam contra seus opressores, mas apesar disto, os espanhóis conseguiram explorar o sul do continente. Da mesma forma, os jesuítas entraram no Paraguai, sendo toda bacia do rio da Prata reconhecida. Em 1776 foi criada a vice-realeza de Buenos Aires, compreendendo as províncias do rio da Prata, Chile, Alto-Peru, Paraguai, Tucumán e do Uruguai.

Nas Antilhas o governo espanhol criou a capitania geral de Havana, território marcado pela crueldade da conquista, eliminando praticamente, a raça indígena e tornando a escravidão africana monstruosa.

Lembra Rocha Pombo que os *filibusteiros* fizeram o terror das colônias espanholas nos séculos XVI e XVII. Também, a França e a Inglaterra disputavam a América do Norte e se apoderaram de grande parte das Antilhas, enquanto a Espanha preocupava-se somente com o México e o Peru. Os franceses estabeleceram a sua colônia de Nova-França na bacia do rio São Lourenço, no atual território dos Estados Unidos da

⁽¹⁶⁾ Rocha Pombo menciona que a população era de aproximadamente de 7 milhões de habitantes, dentre os *quais metade de brancos e mestiços. Estas estimativas foram conferidas por Navarro y Noriega, em 1821, que indicam para o ano de 1810, 6.122.354 habitantes; segundo o censo de A. J. Valdés, em 1831, 6.382.261 e 7 milhões segundo Lucas Alamán, em 1825. In: Documentos Diversos, I, pp. 393-407, citado por CHEVALIER, François. América Latina, op. cit., p. 29.*

América do Norte, de onde continuaram suas explorações por todo o interior, apossando-se de uma área imensa banhada pelo Mississipi e seus grandes afluentes.

No final do século XVI os ingleses fundaram a colônia da Virginia e, apesar das hostilidades dos indígenas, a Virginia prosperou rapidamente e novas colônias foram fundadas na costa oriental. Os holandeses e os suecos também tentaram fundar colônias, mas logo a Inglaterra tratou de expulsá-los, mostrando que seu domínio era exclusivo. Os ingleses estenderam-se da costa oriental até a Nova-França e em breve tempo se transformaram em senhores de quase toda a América do Norte.

A terceira parte desta obra *Emancipação das colônias americanas* está dividida em vinte e quatro capítulos e dedicada aos acontecimentos ocorridos nos séculos XVIII e XIX.

No final do século XVIII a América, cujo território era dividido entre a Espanha, Inglaterra e Portugal, possuía cerca de 35 milhões de habitantes. A lavoura e a criação de animais se desenvolviam, mas a indústria de mineração ainda era a principal atividade. A esta altura, Rocha Pombo estabelece uma diferença entre a colonização inglesa e a espanhola e portuguesa. Na primeira, ao contrário das outras duas, os colonos ingleses se tornavam proprietários ao chegar ao território fazendo com que o trabalho e a liberdade fossem fatores fundamentais para o desenvolvimento das colônias britânicas.

Isto não acontecia nos territórios sob o domínio espanhol e português, pois os aventureiros não traziam suas famílias o que deu lugar a um abastardamento de inúmeras gerações. O autor considera que os males da América Latina foram principalmente à riqueza do sub-solo e o regime colonial colocado em prática pelos governos espanhol e português que foi vexatório, provocando enormes sacrifícios à população indígena e aos colonos e levando a rivalidades entre a população da colônia e os representantes da metrópole.¹⁷

⁽¹⁷⁾ O Segundo François Chevalier, durante praticamente três séculos o Império Espanhol mantinha uma espécie de “estado de compromisso” entre a Igreja e o rei, por um lado e as grandes propriedades de espanhóis e *criollos*, junto às populações indígenas e mestiças, por outro. Humboldt tinha previsto a ruptura desse equilíbrio, tal como aconteceu no início do século XIX, em função das novas condições econômicas, sociais e políticas. In: CHEVALIER, François. **América Latina**. De la Independencia a nuestros días, México, FCE, 1999, p. 29.

Quando aborda O *Movimento da emancipação*, Rocha Pombo faz menção ao processo nas colônias inglesas, espanholas, francesas, especialmente Haiti, e às colônias portuguesas. Sobre o tema o autor considera a importância do Congresso da Filadélfia, que em 1776 promulga a famosa Declaração de Direitos cujo desenlace foi a independência dos Estados Unidos da América.

Já nas colônias espanholas a revolta foi largamente preparada pelos abusos do regime colonial. Destaca a participação de Bolívar e San Martín¹⁸ no longo e violento processo da emancipação do continente com detalhes que tornam o texto denso e descritivo.

Também dedica alguns comentários ao encontro de Bolívar e San Martín quando, este último dirige-se a Guayaquil e conferência com Bolívar. Volta desgostoso, renuncia ao poder diante do Congresso de Lima e retira-se do Peru. Com a retirada de San Martín, os espanhóis retomam a capital, o vice-rei organiza um exercito de 20.000 homens e a situação fica grave para os independentes. Mas Bolívar e Sucre vêm socorrer os peruanos e com a chegada dos gloriosos heróis, a sorte muda, tomando a situação favorável aos insurgentes. Na celebre batalha de Ayacucho os realistas são vencidos, assegurando dessa forma, a independência do Peru.

Também, a primeira etapa da independência do México e o desmembramento da América Central, que, em 1823, declaram sua independência são destacadas e mostram a impotência dos revolucionários

⁽¹⁸⁾ Na vice-realeza de Buenos Aires, onde a revolução começou em 1809, ocorreram mudanças importantes levando à formação de uma Junta de Governo, integrada por patriotas, que destituiu ao Vice-rei espanhol. Dentro deste contexto, o autor destaca a figura de José de San Martín e sua participação na campanha pela independência conseguida definitivamente, em 1816, quando a revolução foi considerada vitoriosa. Em fins de 1816, o general San Martín, auxiliado por muitos patriotas chilenos, transpõe a cordilheira e a 13 de fevereiro do ano seguinte entra em Santiago, a capital. Os realistas, tendo-se reorganizado, marcham sobre a capital e acabam a pouca distancia de Santiago, pois, as tropas de San Martín e o chileno O'Higgins com "os ardentes patriotas" organizam um batalhão de voluntários da morte. Em 5 de abril de 1818 os realistas são derrotados na batalha de Maipo, cuja vitória foi decisiva para a independência do Chile. San Martín trata, em seguida de organizar a expedição para invadir o Peru e em 12 de julho de 1821, San Martín entra na capital peruana, onde é aclamado Protetor do Peru.

diante das forças espanholas, onde a repressão acabou com os sonhos os patriotas¹⁹.

Um espaço especial reserva Rocha Pombo aos negros do Haiti que, em 1791 insurgem, protegidos pela Espanha e pela Inglaterra conseguem sua independência, em 1804, constituindo a República do Haiti.

No Brasil, destaca o primeiro surto revolucionário que começou em Minas Gerais, em 1789, sendo enforcado “o mais ardente dos propagandistas”, Tiradentes, e a mudança da Corte Portuguesa para o Brasil que, segundo o autor, “as condições da colônia melhoraram um pouco”. Todavia a revolução de 1820, em Portugal, obriga Dom João VI a voltar para Europa, deixando seu filho como regente do reino, este inspirou simpatias aos brasileiros e suspeitas do futuro²⁰”.

A quarta parte da obra tem como título *Integração das nacionalidades americanas*, composta por 15 capítulos dedicados aos Estados Unidos da América do Norte, ao México, à Guatemala, S. Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica, à República Argentina, ao Uruguai e Paraguai, ao Chile, ao Peru e à Bolívia, à Colômbia, Venezuela e Equador, ao Brasil, ao Haiti e S. Domingos. Nestes capítulos também o autor se detém em uma história descritiva de acontecimentos relativos à história institucional de cada país. Por isso, não consegue seus objetivos de escrever uma história integrada da América Latina, como ele se propusera.

⁽¹⁹⁾ Efetivamente, o padre Hidalgo, à frente de 50.000 mil homens derrotou os espanhóis em algumas batalhas, mas quis invadir a capital. Em Guadalajara é organizado um governo que chega a ter sob suas ordens um exército de 100.000 homens, em sua maioria, composto por indígenas. Mas não sendo homem de guerra, e dirigindo as forças sem disciplina e mal armadas, Pe. Hidalgo foi vencido, preso e fuzilado, em 1811. Ficaram em armas muitos bandos guerrilheiros, entre eles o Padre Morelos.

⁽²⁰⁾ As Cortes de Lisboa chamam o príncipe, mas D. Pedro não obedece as Cortes. As tropas portuguesas quiseram reagir, mas foram obrigadas a embarcar para a Europa. José Bonifácio entra para o Ministério e encaminha as coisas para o sentido da independência. Aparecem algumas discórdias em Minas Gerais e São Paulo, mas D. Pedro restabelece a concórdia com sua presença. Ele estava nesta última província quando recebeu despachos de Lisboa que o levaram a proclamar a independência em 7 de setembro de 1822.

Por exemplo, ao retomar a história dos Estados Unidos, mostra de que maneira Washington dirige a organização da República tendo feito votar o pacto federal e que diversos outros homens notáveis deram continuidade a obra de construção da nação. A questão da servidão faz surgir um rompimento dos Estados do Sul e, após a abolição da escravidão e da guerra de secessão, o funcionamento do mecanismo constitucional é completo e perfeito na grande República, “o progresso é um fenômeno admirável deste século”.

No México, o espírito liberal reage contra a obra dos conservadores. A luta de classes contra os republicanos é contínua e feroz. Os Estados protestam e o Texas separa-se. Por esse motivo os norte-americanos invadem o México, e o governador tem que assinar a paz, mas com prejuízo à pátria. As revoltas continuam até 1860, quando Juarez é eleito chefe da nação. A França dispõe uma tropa do exército no México e os conservadores proclamam a monarquia, elegendo o imperador Maximiliano. Ele não resiste aos obstáculos colocados pelos republicanos. É feito prisioneiro e fuzilado em Querétaro. Juarez e Porfirio Diaz consolidam as instituições liberais, tornando o México uma das nações mais prósperas da América²¹.

Na República Argentina as desavenças se deram entre os unitaristas e federalistas que preenchem boa parte do século XIX até que com a República Federativa se reconstitui e torna a Argentina uma das mais avançadas e livres entre as Repúblicas do Continente. Estes confrontos entre conservadores e liberais se destacam também, na história do Uruguai, Chile, Paraguai e Brasil.

⁽²¹⁾ François Chevalier, ao se referir aos conservadores no México, após a Independência, sustenta a opinião de que tinham “um pensamento estruturado, coerente e original”. Tomando como exemplo, Lucas Alamán (1792-1853), político, industrial, historiador e fundador do Partido Conservador, este, em carta a Alexandre von Humbold, em 1824, como porta-voz do governo mexicano, agradecia seus “luminosos escritos” sobre o México, mesmo sabendo que Humbold era liberal e simpatizante da França revolucionária. Nesses escritos, segundo Alamán, Humbold deixa entrever suas previsões para o país “sob uma constituição boa e liberal”. E acrescenta, ainda, que “não é pouco com que Humbold (liberal militante) contribuiu a estimular o espírito da independência, já em germe entre muitos habitantes, e para tirar os outros da letargia, que os submergia a dominação estrangeira” In; CHEVALIER, F. *América Latina*, op. cit., p. 487.

COMENTÁRIO SOBRE A OBRA

A obra *Compêndio de História da América*, de Rocha Pombo, um autor do século XIX, trouxe para a realidade da época um pouco de “entusiasmo” pela história da América geograficamente integrada. É evidente que durante a leitura deste texto pudemos detectar problemas no tocante à terminologia usada no decorrer do texto, no que se refere ao fatalismo histórico - ou seja, a luta do bem e do mal, do forte e do fraco, de melhor ou do pior. Detectamos contradições e seu claro romantismo ao falar da América. Neste sentido devemos ter claro que a época em que se insere também exige regras de escrita diferenciadas das de hoje.

Por hora é necessário esclarecer que a metodologia e a linguagem do autor está inseri da num contexto próprio do final do século XIX. Neste período o Brasil, principalmente Rio de Janeiro, local onde escreve, e São Paulo passam por mudanças fundamentais no tocante à economia e à política interferindo profundamente na vida daqueles que contemplavam como nossa política era reservada a poucos e nossa economia trilhava o mesmo caminho.

Com a educação ocorria o mesmo. Como já nos referimos acima, ao final do Império e às vésperas da Proclamação da República (1850-1889), a cultura brasileira contava com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro criado em 1838 (aos moldes do *Institut Historique de Paris* fundado em 1834 por vários intelectuais, inclusive Debret e Monglave), com o colégio D. Pedro II, tido como modelo, com cursos de ciências jurídicas e sociais criados pela Lei de 11 de Agosto de 1827, em pequeno número e dirigidos à elite imperial e a Academia de Belas Artes, criada em 1826.

Dirigida a uma pequena parcela da população, as “belas artes” incentivadas pelo Imperador letrado e o ensino de línguas mortas nortearam os conteúdos do ensino, principalmente no Colégio Pedro II. A base escolar do Império era escassa e iniciante mesmo para o período, da mesma forma o ensino universitário. À população semi ou, analfabeta caberia somente a posição, cômoda para a elite, de coadjuvante ou muitas vezes de espectadora de um teatro que se formava na atuação de muitos personagens²².

⁽²²⁾ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo, Companhia de Letras, 1998, p. 126.

Este modelo educacional se incorporou em outras nações, ao passo que estas se viram também às voltas com modelos estatais pré-estabelecidos transportados de suas metrópoles, que por sua vez, se encontravam na mesma dificuldade de estrutura de ensino. Portugal se encontrava às avessas com este problema, pois “...*Data de 1536 a primeira Gramática da linguagem portuguesa, publicada em Lisboa, que constituiu o primeiro esforço de forjar uma consciência lingüística em Portugal...*”. Seu autor foi Fernão de Oliveira. Portanto, nem mesmo nossos colonizadores souberam o que fazer com nossa educação tendo que deixá-la primeiramente nas mãos dos jesuítas²³.

É, portanto, compreensível que ao final do regime imperial, nossa familiarização com a educação e o ensino fosse o mais distante possível. Mas o que nos chama atenção é que este autor vive neste período conturbado, de mudanças importantes, talvez não na ordem vigente, mas pelo menos no campo das idéias. Neste período, um turbilhão de sentimentos conservadores ou progressistas, de ideologias opostas entre a elite que lutava pelo poder entravam em cena para dar início ao período Republicano brasileiro, no qual se renovavam as aspirações do controle da máquina do Estado.

A partir da segunda metade do século XIX, a concepção espiritualista de mundo no qual o romantismo se inseria, vai cedendo lugar a uma concepção científica e materialista. Em 1859 Darwin publica sua obra *A origem das espécies*. O positivismo, baseado no método científico, traduziu essa visão de mundo. Qualquer explicação metafísica era rejeitada para explicar a atuação do homem. Na economia se destacava o liberalismo e politicamente, defendiam-se as idéias republicanas e socialistas. O Manifesto comunista de Marx e Engels data de 1848.

Em 1888 ocorre a abolição dos escravos. As cidades crescem. O povoamento é incentivado pela exportação do café. Nesse contexto começam a aparecer os primeiros jornais republicanos. Em 1870 a Faculdade de Direito de Recife está em atividade formando grupos preocupados com a renovação do pensamento. É em meio destes acontecimentos que Rocha Pombo nasce, cresce e amadurece, como intelectual.

⁽²³⁾ VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

Vemos neste texto de 409 páginas, que ele tentou não deixar nenhum tema sem, pelo menos comentá-los, ou que para ele era importante relatar. Na primeira parte da obra destinada a história pré-colombiana, Rocha Pombo abre com a descrição física da América juntamente com sua fauna e sua flora e, somente aí, ele introduz os povos que neste meio ambiente se inseriram.

Ele não deixa de considerar temas como as características dos povos indígenas, suas origens levantando as teses que existiam na época para a semelhança entre índios da América e os povos da Índia e a semelhança da arquitetura com o Egito. Relata sobre as mais variadas culturas dos ameríndios, suas organizações, política, sociedade e religião considerando também os conflitos que ocorrem entre estes povos²⁴.

Na primeira parte - da América pré-colombiana - insere os habitantes da terra no meio ambiente peculiar em que vivem, dando principal importância à fauna, flora e geografia. Sua narrativa vale dizer, abrange um conjunto considerável de temáticas sobre a cultura, a religião, a sociedade, a política, a organização, os conflitos entre as etnias, porém estas facetas só dizem respeito aos índios instalados no território onde os espanhóis aportaram, ou seja, o que chamamos hoje de América Central e uma boa parte do território da América do Sul.

É importante lembrar que a inserção da geografia física no Brasil, já era introduzida por alguns autores - como Capistrano de Abreu em *Capítulos da História Colonial* escrito em 1906, portanto posterior a obra de Rocha Pombo -, “como epopéia que envolve os combates e as vitórias sobre a geografia do território”, onde “o sertanejo vai aparecer como retrato ideal do novo tipo étnico brasileiro”²⁵.

Rocha Pombo chama-os de países atrasados ou evoluídos um em relação ao outro. E no desfecho desta parte ele faz uma espécie de levantamento das possíveis chances destas populações em se desenvolver se a “Descoberta” não fosse efetuada. Este tipo de indagação mostra que o autor neste momento - assim como ao longo do texto - infiltra juízo de valor ao acontecimento histórico remetendo-o a discussão detalhada do assunto. Esta, aliás, deverá ser uma característica constante em Rocha Pombo.

⁽²⁴⁾ Ibid, p.29, item 9.

⁽²⁵⁾ BOTTMAN, Denise. **O Propósito de Capistrano**, op. cit., p.9.

Depois desta pequena apresentação, ele inicia a narrativa sobre a chegada, conquista e colonização do novo território, onde vai disponibilizar uma boa parte do livro. Este tema ocupará a Segunda Parte da obra, que, é a mais extensa. Logo, na abertura deste capítulo, vemos que ele se preocupou em desmistificar um pouco a questão de “descoberta” da América pelos europeus, levantando a hipótese de que a idéia sobre a existência de novos continentes vinha sendo despertada pelos filósofos da Antigüidade, como Platão, Critias e, mesmo, Aristóteles. Portanto, que era errôneo achar que somente os europeus, como um golpe do destino, tenham descoberto a terra.

Ao passo que faz tal declaração, ele introduz a chegada de Cristóvão Colombo dando a este o título de “predestinado” a encontrar tais terras, dando exemplos de suas contradições, ao considerar a história do continente a partir dos acontecimentos que ocorreram com a chegada do Europeu.

Um fator que nos chamou a atenção, é que o autor usa freqüentemente termos que não parecem corresponder à época. Dentre eles estão, “sentimentos nacionais” para explicar a reação dos indígenas diante do ataque europeu e da sublevação do “índio”. A relação estabelecida entre a terra e o povo, por exemplo, é diferente daquela adquirida no mundo ocidental, após a Revolução Francesa. O que para nós é mais compatível com este discurso, seria denominar de “indiano” o habitante de um mundo que na época, acreditou-se ser as opulentas Índias, e que já era de conhecimento do europeu.

Um outro fator interessante da linguagem do autor é a sua forma de entender o ser humano. Geralmente os adjetivos que usa são de cunho animal como “ferozes”, “bestas”, “pobres bestas”, “tristes animais” são de uso frequente, remetendo-se a uma forma usual do movimento do Realismo no Brasil, ou seja, era comum ver nos homens atitudes instintivas comparando-os aos animais.

Segue-se a *“incorporação dos aborígenes ao organismo da sociedade americana”*, onde observa a ação missionária dos jesuítas no esforço de integrar os povos indígenas à língua e aos costumes europeus, numa tarefa comunitária entre os jesuítas e os índios. Este processo, segundo Rocha Pombo, evitaria que o índio pudesse escolher o que

melhor lhe caberia. Assim, ficava nas mãos do clero, a decisão de cumprir ou não este “comunismo” muitas vezes exaltado.

É interessante também destacar como explica a indolência e a violência com que o índio se porta. Ele relata que “a culpa é do índio, porque sofreu a intervenção européia, de injetar na sociedade americana, os horrores da violência”²⁶.

Apesar de dar mais ênfase ao retrato indígena da América, Rocha Pombo introduz um capítulo dedicado aos negros e sua inserção no ambiente colonial americano. Talvez seja este, o mais significativo capítulo de sua obra. A incisiva relevância ao povo indígena está claramente justificada, já que no período em que escreve, uma corrente de intelectuais no Brasil, tende a valorizar o que é brasileiro e o que é da terra.

Mas o que vemos é que em 1900, quando ocorreram tantas mudanças, entre as quais a abolição da escravidão, Rocha Pombo não só presenciou este acontecimento como fez parte atuante dele, em busca de justiça ao povo negro, fazendo para tanto, campanha abolicionista. Tal vez isso fez com que dedicasse aos ex-escravos da América, essa parte do livro. Mas, ao acompanhar a trajetória do texto, algumas questões relevantes devem ser levantadas.

Chamado de abolicionista, Rocha Pombo dedica uma pequena parte do texto - não mais que três ou quatro páginas - a esta questão. A escravidão estava acontecendo, ou seja, ele pode acompanhar a funcionalidade da escravidão e seu sistema, embora tenha visto sua parte final, assim como pode acompanhar seu desfecho, com a libertação. Para compreender melhor o que queremos dizer, é necessário reproduzir alguns trechos em que o autor expõe sua idéia.

Inicialmente nos remete aos tempos nos quais as diferentes etnias africanas viviam em seu próprio meio e relata o início do tráfico para outras regiões do mundo. Neste meio ambiente natural e social, estas “manadas de bestas” se relacionavam de forma diferente. Para o autor, a mudança de território - da África para o Brasil - que ele chama de “terrível infortúnio”, apenas fez com que o sofrimento que passavam em sua terra começasse a desaparecer.

⁽²⁶⁾ Ibid., Cap. 27, item 8.

Para ele, os negros que aqui viveram e ainda vivem, puderam conhecer a tal “consciência de classe”, puderam chegar à velhice (sendo que a estimativa de vida do escravo, dependendo do trabalho que realiza era muito baixa) e com o samba - que nasce somente nas duas primeiras décadas do século XX - pode acalentar seus sentimentos. Os sofrimentos, na nova terra, foram esquecidos e o antagonismo que existia entre “pretos” e “brancos”, acabou “sem deixar preconceitos”. Houve no Brasil, então, segundo o autor, uma “pacificação histórica”, que poderia somente ocorrer aqui, pois em sua África, “o negro ainda é selvagem”.

Neste sentido ele prossegue fazendo alusão a uma “escravidão boa”, no sentido de que a raça branca possui mais de três mil anos de História e que sofreu todas as catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, muito mais do que apenas trezentos anos de escravidão²⁷.

Este conjunto de relatos impressiona, no sentido de observar como um abolicionista usa essa linguagem e essa forma de tratar do problema, ao passo que, é exatamente pelo mesmo motivo, ou seja, o fato de viver em tal período é que entendemos essa linguagem e forma. A alta marginalidade que o negro vivenciava estava arraigada em toda uma sociedade que enfrentava esta situação com descaso, com normalidade e, em ambos os casos com preconceito. Assim, é comum identificarmos, ainda neste período, linguagens que para nós, leitores do século XXI, teriam conotação de preconceito racial, e para aqueles que lutaram pela libertação dos negros fazia parte da própria convivência com a escravidão.

No decorrer dos próximos capítulos, Rocha Pombo discorre sobre as colônias portuguesas, em apenas um capítulo - o que vale ressaltar que a menção à colônia portuguesa foi rara e dispersa - e logo, inicia a narrativa sobre as administrações implantadas nos territórios americanos pelos europeus no Peru, México, Chile, Rio da Prata, Antilhas, nas colônias francesas e, principalmente, a administração da colônia inglesa. A esta, o autor reserva certa atenção, pois, o título de território mais “desenvolvido” do continente Americano se mostra de fundamental importância, ao passo que a colônia portuguesa não recebe qualquer menção. Para terminar esta Segunda etapa, Rocha Pombo vai se referir ao desenvolvimento das colônias inglesas. Neste capítulo outro fator se

(27) *Ibid.*, itens, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

torna digno de discussão. O autor diz que “colônias criadas não têm história”.

Na Terceira Parte do livro, sobre *Emancipação das colônias americanas*, aborda aspectos de cunho populacional, agrícola, pecuarista, industrial e até mesmo sobre regiões mineradoras e, apesar de abordar a história de vários países, o autor demonstra certa preferência pela trajetória da América do Norte e seu desenvolvimento econômico e social - como vimos acima -, dando ênfase à criação da propriedade territorial e a implantação das bases democráticas. Não esquecendo também, que ele, ao falar desta trajetória, faz alusão ao extermínio maciço da população indígena naquelas terras, e por isso a integração do índio como etnia, foi muito menor ou quase nula, em relação às etnias na América do Sul e Central. Na América do Norte, a inserção do negro também não ocorreu tal como no restante do Continente.

Uma das considerações que Pombo retoma e que já vinha fazendo em outros capítulos, é a questão da “superioridade” da América do Norte e a “inferioridade” das colônias neo-latinas, portuguesas e espanholas. Atribui tal fator à mestiçagem que ocorreu nas colônias do Sul ao passo que as colônias inglesas mantiveram uma certa “homogeneidade” étnica, além de sua colonização ter sido de povoamento e não de exploração. Por isso, ele vai explicar o tipo de colonização que a Espanha implanta nas suas colônias, novamente deixando o papel de Portugal sem comentários.

Nos seguintes capítulos desta Terceira Parte informa sobre as emancipações dos “Estados Unidos no Norte”, de todos os territórios da “Nova Granada”, nome pelo qual chamou parte dos países colonizados pelos espanhóis (hoje Colômbia, Venezuela e Panamá) e para terminar, do território colonial português, que em 7 de setembro de 1822, sob a égide de D. Pedro I, adquiriu sua independência. Esta parte, além de ser a mais extensa comporta também uma maior complexidade cronológica, pois, abarca um grande espaço de tempo - o período colonial até as independências.

Já, na Quarta Parte do livro, pretendeu somente dar um desfecho aos acontecimentos que ocorreram após as independências culminando no ano de 1898/1900 aproximadamente, ano que o autor escreve e publica esta obra. Notamos a preocupação das guerras civis do México, de El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Argentina, Uruguai,

Paraguai, Chile, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Haiti, São Domingos e finalmente, Brasil. Talvez aqui, possamos notar, mais explicitamente, a intenção de integração da América em Rocha Pombo.

O grande problema desta obra é que Rocha Pombo também se voltou para um território específico, ou seja, a América Espanhola, e quando citou a colônia portuguesa ou as colônias inglesas, o fez separadamente, não dando a oportunidade ao leitor de entender a história integrada que ele mesmo tentou construir. Esta tem, porém, o intuito de chamar a atenção dos leitores de que a história da América é mais abrangente e mais complexa de que se tinha idéia até então.

Rocha Pombo foi um desses intelectuais de seu tempo, tentando construir uma História diferenciada, livre de conservadorismo. Todavia, o que não podemos esquecer é que mesmo assim, esta obra apresenta problemas de interpretação que devem ser atribuídas à forma de pensar e construir a História no final do século XIX, sob a égide de um pensamento positivista e laico.

Assim, escrever um texto sobre uma obra didática, até aqui, pioneira, nos anima a continuar estudando o problema da História da América, e principalmente o ensino de História da América. Hoje em dia, a integração latino-americana, não só geográfica, mas econômica, social, cultural e política está mais visível no dia-a-dia, mas ainda não o está no âmbito escolar. Ao resgatar, neste compêndio, a tentativa do autor de levar à escola a história do continente nas primeiras décadas do século XX, nos convida a continuar essa tarefa contribuindo para a renovação do olhar sobre os povos do continente.

BIBLIOGRAFIA

- BOMFIM, Manuel. **América Latina: males de origem**. H. Gamier Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, s/d (Prefácio 1903).
- BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil**. A Nação em busca dos seus portadores sociais, Campinas, Ed. UNICAMP, 2002.
- BOTTMAN, Denise. **O Propósito de Capistrano**. Primeira Versão, Campinas: IFCH/Unicamp, n. 3, 1989.
- CHEVALIER, François. **América Latina**. De la Independencia a nuestros dias, México, FCE, 1999.

- POMBO, José Francisco da Rocha. **Compêndio de História da América**, Rio de Janeiro, Benjamin de Águila, Editor, 2ª ed., 1925.
- SILVA, I. P. da. Educadores paulistas: regeneração social, república e nação. In: **Encontros com a História**. FERREIRA, C. A., LUCCA, T. de e IOKOI, Z. (orgs.), São Paulo, Editora UNESP, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**: os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ANEXAMOS A SEGUIR A BIBLIOGRAFIA (EMBORA COM DADOS INCOMPLETOS) CITADA POR ROCHA POMBO NA: ELABORAÇÃO DO COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA:

- STEVANEZ, Nicolau. **Resumo de História da América**, Tradução para o brasileiro de Costa Ferreira, H. Garnier, Livreiro-Editor, 71, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, 6/6, Rue des Saints-Peres, Paris, s/d (final séc. XIX).
- GEOGRAPHICAL Magazine (referente aos célebres estudos de Bancroft). **Las razas primitivas del Pacífico**.
- BARROS ARANA. **Compêndio de História de América**, T. I. (Obra de historiador chileno).
- VARGAS MACHUCA. **Milicia y descripción de las Indias**.
- BRASSEUR de Boubourg. **Histoire des Nations civilissés du Mexique et de l’Amerique Centrale**.
- BARALT, Rafael M. **Historia de Venezuela** (respeitamos a ortografia do autor).
- IRWING, Washington. **Companheiros de Colombo**.
- NAVARRETE. Biografia de Ojeda.
- CASTILLO, Bemal Diaz del. **Historia verdadeira da conquista**.
- GOMARA, Lopez de. **Historia de México**.
- VERDIA, D. Luis Perez. **Compendio de Historia de México**.
- CASTELLANOS, Juan de. **Elegias de varones illustres de Indias**.
- CHACON, D. João. **Guerras irregulares**.
- FERRY, Gabriel. **Expedição de Mina**.

